

## **LACAN NO CINEMA<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Material de apoio para disciplina ministrada por Marcus André Vieira na PUC-Rio em 2005.

## **Introdução**

### **APOLOGIA DAS TREVAS**

Este é um curso sobre as trevas. Silêncio absoluto, ausência de movimento, espasmo do caos, elas sempre perturbaram o homem. Sempre se viveu com as trevas e sempre se sonhou com seu fim. Nietzsche sonhava com um pensamento do meio-dia. Sem sombras. Estamos em plena realização do sonho de Nietzsche, pelo avesso. Big Brother: não há mais algo oculto, ou melhor o oculto é fake.

O fim da história é o fim das trevas. O paradoxo que nos aflige é que se verifica com eloquência o quanto já adivinhavam os escritores. O fim das trevas é o reino do terror. O obscurantismo maior é evitar as trevas a todo preço. É nelas ver toda sorte de animais e monstros. Coisa do outro mundo.

Em um texto famoso, Jacques Lacan distingue quatro abordagens da escuridão.<sup>1</sup> Ele nos ajuda a distinguir a religião da superstição, da magia. Paradoxalmente, nossos tempos são os da magia. Ela não é um modo de lidar com as trevas, mas de eliminá-las, fazer como se elas não existissem. A globalização da luz é uma superstição.

Onde foram parar então as trevas? Quem lida com a trevas, com o desconhecido? Quem lida com a escuridão? A religião: fé na transcendência das trevas. Afora isso, a ciência. Uma de suas filhas é a psicanálise. Ela tem seu jeito próprio de lidar com as trevas.

### **VIAGEM À LUA**

É preciso resgatar o lugar da ciência. Ela lida com as trevas. Acham estranho que ela lide com as trevas? Apenas porque seu modo de ação é muito especial. Mantém o escuro, o indefinível como ponto de fuga no infinito. Dessa forma, todo o mundo se ilumina. Pode-se objetivar a natureza sem supor que ela é precária, refém da escuridão que poderia tragá-la (piparote em Deus). Ela isola o que será treva e o coloca no infinito.

Compare-se a viagem a Lua de Júlio Verne e a chegada do homem na Lua. No primeiro caso a Lua é uma caverna, em sua porta coloca-se um véu e projetam-se imagens. A ciência vai à lua por transformá-la em já conhecido. Ela, no entanto, mantém o lugar do desconhecido (que apenas se desloca para Marte).

A partir daí criam-se superstições. Não foi à toa que acharam que era tudo da televisão. acredita-se que os objetos da ciência existem em si. Um exemplo pertinente a esta questão é o caso do DNA. Ele existe? Hoje seria um delírio não crer nele, mas quando o homem foi à Lua muitos não acreditaram. Não foi sempre assim com o DNA, a ciência fez como se ele existisse (ôntico). Antes ele era uma hipótese. A hipótese leva a uma objetivação que tem efeitos.

A explicação concedida pela ciência é universal e não singular (de um caso, como na psicanálise). A ciência pretende que o encaminhamento do encontro com algo ainda não nomeado seja a objetivação.<sup>2</sup> Ela trabalha visando esse efeito, constituindo um dispositivo experimental que delinea experimentos de reações, e a designação e descrição de leis que façam com que a partir daí seja possível reproduzir a experiência desse encontro antes surpreendente e testá-lo ainda mais a fim de ampliar o leque de suas possibilidades. Desta forma, o que era estranho passa a ser conhecido. Este encontro, pois, se transforma em um *experimento* que pressupõe um determinado lugar do investigador que também difere do papel do analista.

Regnault demonstra como ela o faz: reduzindo as trevas a um ponto no infinito. O cientista não entra na caverna, ela a mapeia antes e manda seus aparatos técnicos (sondas).<sup>3</sup> O imponderável é excluído do sistema. A ciência ilumina o mundo por reduzir o obscuro a um ponto e remetê-lo ao infinito. Em fazendo-o ela não lida mais com as imagens, mas apenas com o que elas indicam de suas fórmulas.<sup>4</sup>

Por enquanto vimos que a psicanálise não segue os rumos da magia ou da ciência. Temos uma definição geral. É dar lugar ao estranho no mundo sem objetivá-lo. Mas como? Para saber é preciso mergulhar. Alguma universalidade sim, mas não a externa.<sup>5</sup> Aqui entra o cinema.

## **CINEMÁTICA**

Tanto o cinema quanto a psicanálise lidam com as trevas de modo distinto do da ciência. Neles as trevas são evidentes e explícitas. O cinema é um modo peculiar de lidar com as trevas. Como? Primeiramente deslocando o foco. Ao encarar as coisas desse modo, se criar uma categoria parece uma mágica além de nossas possibilidades, então a ênfase se desloca. Em vez de pensar no real pensemos no encontro. Habitualmente o ignoramos, mas às vezes isso é impossível.

As trevas mudam de lugar. Elas continuam, mas deixam de ser o foco, passam a ser laterais. Por incrível que pareça, é aqui, em que não se presta atenção às trevas que mais elas podem ser presentes. Ao contrário da magia. Aqui um detalhe inusitado pode adquirir o peso do desconhecido. A suspeita pode pairar.

O estranho não é tanto o desconhecido, mas o modo como o encaramos. Um desconhecido que se descreve não o é mais. Aqui, em vez de buscar o desconhecido objetivando-o progressivamente por meio da experimentação (e postergando-o indefinidamente), ou de constituir uma grade de leitura para ele, temos o desconhecido colocado de lado.

Desta forma, no cinema, pensamos estar de fora, mas é o oposto: é a situação mais construída para o que passa na tela nos atinja diretamente. É o mesmo na análise essa janela indiscreta.

Esta é a primeira aproximação entre psicanálise e cinema. Esta é a diferença entre real e realidade. A realidade é este espelho do mundo como se nele não houvesse escuridão. O real é quando esta escuridão se faz presente.

A tentação habitual é que se diga que é na vida que o encontro com o real surge, que quem vai ao cinema foge da realidade da “vida dura”. Entretanto, como no cinema o que é objetivo passa batido, ao contrário do que ocorre no dia a dia, o que toca é para além do habitual. Na vida é necessário navegar mais no que é objetivo, no destino do ônibus por exemplo, muito mais do que nas pessoas que partilham de seu trajeto comigo. Conexões são mais generalizáveis nesse ponto mais “palpável” do cotidiano. Quando na tela surge um ônibus, sua rota está longe de ser o que interessa, ou seja, ele não toca por sua face objetiva; se vier a tocar (já que pode não obter efeito algum) será por conta do dado de subjetividade, de singularidade que ele desperta no espectador, e menos na questão de por quais ruas passará.

### **PSICOCIENTISTA VIRTUAL**

Quando as trevas são postas de lado e não mais focalizadas ou descartadas, elas passam a ter um papel estranho, que, ao querer situar o inconsciente como este lugar, Lacan o aproximou do virtual. O inconsciente é virtual.

O principal termo definido por Freud para designar o que ainda não é, denomina-se inconsciente. Lacan formaliza outros termos e frases para esta mesma questão acerca do encontro com isso não passível de nomeação instantânea, que aparece em ato: “o inconsciente é ético e não ôntico”; ou seja, ele não está lá para ser encontrando, ele se faz na experiência analítica, tem que ser franqueado de forma recorrente e depende de uma decisão do analista e do analisando.<sup>6</sup>

O inconsciente freudiano não foi objetivado pela ciência, porque não era para ser. A despeito da neuropsicanálise. Ele desaparece se quisermos objetivá-lo. Afinal, se dirigimos a luz para os bastidores eles passam a ser a cena.

Seu sinal maior é a surpresa. Quando se objetiva, encaixa-se aquilo que poderia surpreender. Até um dado aleatório pode ser encaixado em uma fórmula como variável interveniente. Não se trata, entretanto, da oposição entre objetivo (ciência) e subjetivo (psicanálise). Se o subjetivo passa a ser nomeado e conhecido ele já não é mais o inconsciente. Ou seja, tudo pode ser objetivado, até a “categoria” de subjetivo, e assim nada garante que quando estivermos falando este, estejamos falando da dimensão que a psicanálise quer evidenciar.

O aparelho psíquico de Freud sempre foi uma aposta, nunca houve garantia de que ele existisse, nunca ninguém sério tentou medir ou calcular a intensidade da pulsão. Nunca houve garantia científica de que o inconsciente e o aparelho psíquico tivessem algum substrato, orgânico por exemplo. Freud já insistia desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* em que seu aparato psíquico não tinha existência no corpo. Ele o sintetiza assim, no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*:

Considero conveniente e justificável continuar a fazer uso da imagem figurativa dos dois sistemas [em que o sistema inconsciente aparece como um lugar, que pode invadir outro, em expressões como, "o inconsciente forçou passagem para a consciência", como se estivéssemos falando de um aparato geográfico, existente em algum lugar]. Podemos evitar qualquer possível abuso desse método de representação lembrando que as ideias, os pensamentos e as estruturas psíquicas em geral nunca devem ser encaradas como localizadas em elementos orgânicos do sistema nervoso, mas antes, como se poderia dizer, **entre** eles, onde as resistências e os trilhamentos (Bahnungen) fornecem os correlativos correspondentes. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna e virtual é como a imagem produzida num telescópio pela passagem dos raios luminosos. Temos justificativa para presumir a existência dos sistemas que não são, de modo algum, entidades psíquicas e nunca podem ser acessíveis à nossa percepção psíquica semelhantes às lentes do telescópio, que projetam a imagem.<sup>7</sup>

É um tipo de existência "presumida" e não empírica. Então, a existência do aparelho psíquico é garantida pelo fato de que a aposta de Freud produz efeitos. O inconsciente é uma aposta "mais" seus efeitos. Esses efeitos coletivos que se expandiram para a cultura é que sustentam e garantem a psicanálise. Nem todos são verdade, mas alguns deles constituem o real que mantém viva a psicanálise. Uma frase importante de Lacan a esse respeito, na primeira lição do *Seminário 22*, é: "o analista é ao menos dois, o que produz efeitos e o que os recolhe"<sup>8</sup>. Fiquemos com o essencial: um analista produz efeitos. Se a existência do aparelho psíquico estivesse refém de uma garantia, científica ou de qualquer outra espécie, essa garantia caindo por terra, estaríamos em uma situação bem difícil. Só que em vez de colocá-lo no infinito, ele passa a ser link. Irrupção na tela de um link com a escuridão.

### **O DISPOSITIVO CÊNICO DA PSICANÁLISE**

O cinema e a psicanálise são um certo agenciamento de imagens que produz o vazio, a estranheza de um ponto estranho sem que este seja o ponto de fuga.

A psicanálise é uma cegueira dirigida. Freud dizia: conte-me o que lhe passa na mente como se descreve uma paisagem a um cego. Primeiramente ela tudo ilumina, tal como o estoque de imagens da internet. Tal como o leque de invenções disponíveis para um roteirista. Virtualmente qualquer coisa pode vir aparecer no centro da imagem. Isso prende. A tese é a de que ao invés de se pensar que assistir um filme é uma espécie de fuga da vida, é a realidade, esse dia a dia concreto de todos nós, que acaba por nos afastar do real, ponto de surpresa de onde brota o inesperado.

Só assim o novo pode surgir.

E se pensarmos que a situação analítica é construída de acordo com o efeito que ela visa, sob os moldes de uma ficção, a analogia com o cinema fica ainda mais pertinente. Tal ficção, no entanto, é muito especial, não é mera atividade imaginária. Nesse ponto há que

se rever as bases platônicas que ditam que o cinema é mero simulacro da realidade, assim como a brincadeira, para o adulto, é descrita também como mera cópia.

Cinema e caverna. Não há saída da caverna. Não há a luz real, mas apenas um jogo de luz e sombras em que vivemos.

Retomando o trajeto do nosso ponto de partida: se o analista deixasse um pouco de lado a vida cotidiana, outras cenas apareceriam, e nelas estaria contida uma potência desse encontro surpreendente maior do que nas cenas do dia a dia. Essa é uma inversão essencial que se apresenta já nos primeiros passos deste curso e que precisa de uma certa adesão (aposta) para que ele se dê: é mais fácil encontrar o estranho no cinema que no dia a dia. Ou seja, o real, denominação lacaniana para esse estranho, se exhibe muito mais facilmente no teatro ou no cinema que na vida diária.

A psicanálise faz de outro modo. A escuridão não é mais o objeto e sim ela fica ao lado. São as trevas do cinema. A imagem ocupa todo o centro e algo do escuro passa para a cena. E quais são essas circunstâncias? Seria, então, esse encontro aleatório? Bastaria entrar num consultório e falar sobre experiências de uma vida que este encontro se daria? Qual a especificidade que a psicanálise apresenta para que sua prática operacionalize esse encontro e não se reduza a um efeito terapêutico temporário? Se Lacan trata esse inconsciente como um ainda não realizado, um pré-ontológico, nos termos do *Seminário 11*, o que faz com o que ele efetivamente *seja*? Sendo ele se torna somente um saber a mais no meu baú de saberes? Qual o diferencial da psicanálise para que uma mudança maior aconteça?

A psicanálise para Lacan seria uma invenção de Freud construída para favorecer esse encontro inesperado, essa surpresa, com o adendo essencial dele – deste encontro – tirar consequências. Disso consiste o dispositivo freudiano para Lacan, e não de uma prática que visa descobrir as “profundezas” da alma ou os desejos proibidos. Nesse sentido, a próxima pergunta segue na definição de como é que este encontro com a surpresa se dá e como, uma vez isso feito, a pessoa não possa deixar de dar consequências a este encontro?

O dispositivo analítico serve não só na forma desse ponto de chegada na análise que caracteriza o sintoma, mas como uma maneira de produzir mais manifestações inconscientes que viabilizem efeitos de mudança na vida de determinado sujeito. Esse dispositivo se constrói numa espécie de fora-do-mundo. Ele tem uma certa regularidade e ocorre num espaço separado onde a princípio parece que o sujeito mesmo não “vai pro palco”, no sentido clássico, mas onde se projetam cenas. Freud deixou isso meio explícito, meio latente e Lacan formalizou tais pontos que considerava nebulosos para que a verdade freudiana viesse a ser mais explicitada.<sup>9</sup>

Freud começa, assim, a constituir uma teoria desse encontro com o inconsciente, com o que foge do já estabelecido e familiar. No que ele constrói a teoria e há sua apropriação, os moldes para esse encontro são assimilados e difundidos e ninguém mais se surpreende, não há mais encontros com aquelas categorias (sonho, ato falho, sexo, Édipo...) exatamente por terem se transformado em categorias.

Nos anos 50, Lacan se insurge contra isso e profetiza a morte da psicanálise caso essa continuasse a investir no inconsciente como uma série de conteúdos que podem ser

apontados quando Freud é lido como cartilha. Lacan, apresentando-se como um autêntico freudiano, inclusive explicitamente, causa uma revolução ao empreender esse retorno a Freud.<sup>10</sup>

### **O ESTRANHO (O NOVO É VELHO)**

Para isso é preciso que algo familiar entre em cena, mas que seja, ao mesmo tempo, estranho. Teoria do estranho, teoria do real. A ficção nos aproximaria então do real.

Qual o problema do ponto externo? É que um lugar externo supõe um objeto quieto, parado na foto. A psicanálise lida com o que escapa do enquadramento, com o que não se encaixa.

A psicanálise encontra no escuro, em vez da novidade velha, o velho eterno da repetição. O estranho. Paradoxal objeto velho e novo.

Temos uma relação profundamente ambígua com o estranho. Foge-se do desconhecido, do que está nas trevas. Só abordamos o real a partir de nossas categorias. Afinal como pensar o impensado? Mas alguma coisa da escuridão pode ser mantida, inclusive porque senão não há novidade possível.

O que é estranho, que não se encaixa exatamente por isso não funciona, atrapalha. Afinal, quando alguma coisa não se encaixa, ela pode incomodar bastante. Um exemplo: É bem natural termos medo de um ladrão, ou em um filme de terror, mas o que fazer quando o medo nos acomete como um ataque, “do nada”, como uma angústia brutal, que hoje se inclui na chamada “síndrome do pânico”? O que fazer quando se sente algo assim tão estranho e aparentemente tão sem explicação?

Deste ponto de vista, qualquer explicação já é, em si, um tratamento. Alguém pode entender um ataque de angústia como um “encosto” e ir para o centro espírita ou para o terreiro. Pode-se ser mais ligado à explicações astrológicas, religiosas, psicológicas ou médicas. Desde que se “vista uma camisa”, porém, o sintoma se acalma. Este é um dos pólos da eficácia “*psi*”, e não é privilégio dos “*psis*”. Em geral, quando um paciente chega tanto ao psiquiatra quanto ao psicanalista e ao psicoterapeuta, as explicações disponíveis não deram conta do recado. Temos aí uma boa linha de demarcação: os curandeiros fornecem uma explicação (além de eventualmente prescreverem alguns rituais) procusteanos. O cientista e o psicanalista fazem isso e algo mais.

É quase impossível alguém se encontrar com o estranho e não tentar explicá-lo. Além de explicações gerais, sempre se produzem também algumas versões mais particulares para o que ocorre. Elas às vezes são, elas mesmas, tão estranhas que as deixamos de lado, esquecemos, recalamos. A diferença entre a medicina e os psicoterapeutas e psicanalistas é que estes últimos acolhem as próprias teorias do sujeito sobre seu incômodo. Isso fica fácil de ver no caso da depressão pós-parto. Toda mãe estranha seu filho, mas a própria ideia de uma mãe que não sabe o que fazer com sua criança, que sente algo desagradável diante dela, é tão incômoda que é varrida para baixo do tapete. Junto com esse sentimento vão também os quase deliriozinhos explicativos do tipo: “esse não é meu filho, foi trocado” e até mesmo algo como “ele é do mal”. Quando se busca estas historinhas, quando

possibilitamos que elas sejam ouvidas, elas podem ser retomadas de maneira nova. O sujeito deixa de ser apenas paciente e se apropria de seu sofrimento, se responsabiliza por ele sem ser apenas vítima dele. A diferença, então, entre os médicos de um lado, e terapeutas e analistas, de outro, não é tanto que estes últimos apostam nos poderes da palavra, mas sim que eles apostam nos poderes da escuta.

E entre terapeutas e analistas, qual a diferença? Enquanto as psicoterapias acolhem estes pensamentos tão estranhos para que eles se encaixem, a psicanálise aposta que eles têm um papel importante. Estas coisinhas perturbadoras que são descartadas no dia a dia, têm não só o poder de angustiar, mas também o poder da surpresa. Todos sabemos que o escândalo e a novidade andam juntos. Além disso, não se vive sem que alguma coisa esteja um pouquinho fora do lugar. Quando tudo funciona perfeitamente podemos acreditar que somos máquinas e aceitar, inclusive, sermos tratados como tais. É na disfunção que muitas vezes vai se aninhar o mais humano em nós. Foi o que descobriu Freud com suas histéricas é o que redescobrimos quotidianamente tanto mais quanto mais somos tomados pela mecanicização da vida. A psicanálise tenta, assim, acolher estas ideias loucas-varridas, que são segredos até para o próprio sujeito, e, contando com que sua vida seja mudada a partir delas, as põe a trabalho. É como se o paciente crônico do asilo passasse a trabalhar na portaria do hospício. Os médicos não estão atrás dos segredos do paciente, os psicoterapeutas e psicanalistas sim. Só que os psicanalistas são não somente profissionais da palavra, não são somente do segredo, mas são também do profissionais do estranho.

O passo de Freud: o inconsciente existe, mas apenas como virtualidade que produz efeitos. Ele é exatamente aquilo que não tem face prévia, que não se tem como nomear, já que ao nomeá-lo ele se esvai, escapa. Ele se passa em um tempo pontual, lógico. Por não guardar as características de um ser cujos pressupostos aristotélicos estejam classicamente dispostos (delimitação num tempo linear, localização determinada durante essa unidade linear temporal...), o encontro com ele só pode ser de efeito, marcado pela surpresa com isso que não se espera. Se o inconsciente é esperado, ele não comparece, se furta.

A reação que se tem nesse encontro, depende do nome que se dá a ele. Calvino, em *Cidades Invisíveis*, ao trazer o que narra Marco Polo em suas aventuras, nos ajuda com um exemplo:

“de como em Cambaluc, capital da China, três cidades quadradas estão uma dentro da outra, cada uma com quatro templos e quatro portas que se abrem segundo as estações; de como na ilha de Java o rinoceronte enfurecido ataca com o seu chifre mortífero; de como se pescam pérolas no fundo do mar na costa de Maabar”<sup>11</sup>.

Percebemos que, se denominarmos o unicórnio de rinoceronte, tem-se um determinado encontro com ele. Afinal, o encontro tem algo de um forçamento que leva à uma tomada de posição. O rinoceronte poderia ter passado ao longe. É apenas porque imaginamos Marco Polo de cara com ele que supomos que ele estava na situação de obrigar-se a solicitar o procusto ou a inventar uma nova categoria. Marco Polo, narrando suas viagens ao extremo oriente, conta-nos seu encontro com um estranho animal... Compreende-se essa peculiar



composição entre o mito do unicórnio e o paquiderme quando lembramos como é difícil lidar com o desconhecido. Foi mais fácil para Marco Pólo encaixar o rinoceronte em uma de suas categorias do que criar uma nova. Com isso vemos que a lenda de Procusto, que espichava à força aqueles que eram pequenos demais para seu leito e cortava o excedente do corpo daqueles que não se encaixavam nele, não nos é tão distante.

Realmente é difícil lidar com o estranho, com o que não se encaixa. Em geral os encontros com algo novo nos remetem ao arquivo de categorias que se possui. Freud batiza esse achado de uma certa surpresa de inconsciente e instaura/articula um certo tipo de experiência com ele, diferente do da ciência e do da magia, por exemplo. Todo o trabalho do psicanalista é dar lugar a isso que não encaixa sem encaixá-lo nas categorias antigas. A bem dizer é impossível. Afinal como pensar o impensado? Só abordamos o real a partir de nossas categorias. Neste sentido inventar uma categoria não é algo que se faça de caso pensado.

### **ZAPING E CORTE**

A diferença entre cinema e televisão é o escurinho do primeiro. A partir daí nasce um outro modo de corte, o zaping. O corte no cinema é invisível, estabelece rupturas e descontinuidade, apresenta o real no interior da cena. O corte na televisão tende a ser externo. O espectador é dono do que vê. Isso é apenas aparência, mas estabelece outro tipo de sujeito. O do cinema é passivo, mas vive e não é apenas catarse.

O corte do cinema nos ensina sobre o corte na psicanálise. A psicanálise funciona fazendo com que o passado reescreva o presente. O passado tem peso, tem efeito. Se a gente pensa que o passado redige o presente, estamos num evolucionismo simples. Eu tenho que encontrar algo no passado para entender meu presente e prever o futuro, mas eu não posso mudar meu presente.

Quando digo que o passado reescreve o presente, é diferente de dizer que o passado reescreve o futuro. O passado dá compreensibilidade ao presente para que se escreva o futuro: essa é a versão habitual. Para a psicanálise, não é que o presente reescreva o passado; é que você reescrevendo do presente ao passado, você reinscreve seu presente, e não seu futuro. É verdade que a gente vê na psicanálise que no presente você reinscreve o passado, que não é mais importante você saber exatamente como foi, o importante é reinscrever seu passado. Mas é preciso pensar que, com isso, você fica diferente no presente, e não no futuro.

Numa sessão de análise você volta ao passado e sai diferente, não porque você ganhou conhecimento do seu passado, e sim porque você não é mais o mesmo que quando entrou. Apresentam-se coisas na sessão que fenomenologicamente são novas, mas que se apresentam como no passado. Com isso, essas memórias alteram o passado e, também, o presente, porque você não é mais a mesma pessoa. O que se apresentou ali redesenhou o ego, então você sai da sessão diferente, mas não porque aquilo que se apresentou era o tijolinho que faltava para você ser completo. Vem algum tijolo que perturba tudo. Não se

trata de tirar ou acrescentar ao ego. O ego está em constituição, sempre; ele está em permanente construção, sempre em tensão com o semelhante; em permanente atualização. Por isso o manejo do tempo sela a psicanálise lacaniana.

### **“QUE NÃO HAJA SAÍDA A NÃO SER A ENTRADA”**

Até que ponto o cinema e a psicanálise se aproximam? É pelos efeitos no real que a psicanálise será julgada. Ela não é um mero rearranjo cênico com um critério frouxo de satisfação para que se dê por satisfeita. É uma ética antes de terapêutica.

Se o inconsciente é uma surpresa, chamado de desejo inconsciente pela mãe, por exemplo, nos tempos freudianos, atualmente isso caiu no discurso banal, efeitos não mais advêm desses “clichês analíticos”. Pode-se recair, entretanto, no erro que Lacan quis apontar de forma recorrente. Ao proceder a seu retorno a Freud, aquele não o tomou como cartilha ou bíblia contendo as grandes verdades reveladas. Se a prática se torna uma espécie de repetição mal-fadada de Lacan, se não o interpelamos em seus ditos, se sua leitura não é feita de surpresas e sim de monotonia, então as mensagens não chegaram a seu destino. E caso a psicanálise não encontre um meio de reviver essa surpresa conceitualmente, ela estará fadada ao fracasso, a uma prática psicológica dentre outras, que constitui a maior parte do que chamamos de psicanálise hoje, ou seja: um sujeito chega e a gama de desejos proibidos que ele carrega são mapeados de acordo com critérios já existentes antes dele pisar no consultório.

As considerações aqui tecidas estiveram sempre sob dúvida. Um modo de instaurar no texto o “será que algo disso tudo vai continuar servindo para o próximo paciente?” foi delinear um questionamento sobre a dita pós-modernidade e o exercício da psicanálise em tempos da exposição absoluta, de um cegante fim das trevas.

Cada um dos filmes aqui trabalhados supõe uma ilha de edição endereçada a um cinéfilo distinto: o leitor desatento, que gostaria de ser levado pela mão enquanto se ambienta na teoria lacaniana, aquele que investiga a função do imaginário na clínica analítica; aquele que se diz inquieto quanto a nossos tempos e gostaria de conhecer o que um psicanalista lacaniano poderia dizer sobre eles.

---

<sup>1</sup> Consta no texto intitulado: Lacan, J. A ciência e a verdade. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

<sup>2</sup> Cf. Milner, J. C. A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge. Zahar Ed., 1996. Cf. Regnault, F. La preuve en psychanalyse. La Cause Freudienne, 54, 2003, 54-95.

<sup>3</sup> Cf. Regnault, F. “o Nome-do-Pai”, Para ler o seminário 11 de Lacan, Rio de Janeiro, JZE, 1997, pp. 80-92.

<sup>4</sup> Cf. para triângulo acerca dos discurso analítico, científico e da magia que também consta no texto “A ciência e a verdade” e em “O triângulo de saberes”: Miller, J.-A. O triângulo dos saberes. Opção Lacaniana online nova série. Ano 8. Número 24. Novembro de 2017.

<sup>5</sup> Como o propósito inicial não é o de alongarmos tal discussão sobre a questão da (im)possibilidade de um ponto de vista externo (ou ainda: como um dos propósitos inerentes deste trajeto consiste em colocar a marca dessa impossibilidade como mais um pano de fundo) aproveitaremos para introduzir breves linhas concedidas como resposta pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek, no caderno Mais! da Folha de SP (30 nov. 2003) acerca da

---

questão do universalismo: "Primeiramente, precisamos de uma noção muito precisa de universalismo. O universalismo do qual falo nada tem a ver com a noção de uma universalidade neutra e acima de todos os conflitos, como se alguém lhe dissesse: 'Você tem o seu lado, eu tenho o meu, mesmo assim vamos procurar um solo mínimo comum não problemático'. Meu universalismo é conflituoso no sentido de acreditar que não é uma noção neutra que nos une. O que nos une é a universalidade do conflito. A solidariedade de que falo não é a solidariedade daqueles que procuram se encontrar em um campo para além dos conflitos. Ela é a solidariedade que só aparece no interior do conflito. Isso pode ficar mais claro se pensarmos em uma ideia presente tanto no cristianismo antigo quanto no marxismo. Ela afirma que, em uma situação concreta de conflito social, a verdade não é neutra, como se precisássemos sair da situação para a percebermos. A verdade é própria a um lado, ela só é acessível por meio de uma posição partidária. Para alcançar a verdade, devemos assumir um lado."

<sup>6</sup> Segundo uma passagem de um artigo da Fernanda Costa-Moura intitulado *Psicanálise e Pesquisa*: "Freud assinala que o inconsciente tem que ser deduzido (a cada vez), a partir de suas formações. Isto implica em primeiro lugar que o inconsciente é uma dimensão a ser resgatada em ato. Uma dimensão que não existe se não for recolhida, reconhecida, e em última instância, se não houver quem deduza o inconsciente. Freud abriu o caminho, é claro. Porém, sempre insistiu e advertiu-nos que este passo, uma vez franqueado, não se dá de uma vez por todas. É nossa responsabilidade inaugurar a cada vez o campo do inconsciente para um sujeito; produzi-lo, fazê-lo falar, como diz Lacan 'reconhecendo seus direitos no campo da verdade'" (Lacan, 1964/1988, p. 63-64).

<sup>7</sup> Freud, 1900/2001, p.583.

<sup>8</sup> Lacan, J. *Le séminaire*, livre 22: RSI. Paris, inédito.

<sup>9</sup> Lacan encarnava um papel profético, proferindo, por exemplo, que era mais ortodoxo do que os ditos ortodoxos. Eles seriam menos freudianos no sentido de obstruírem o caminho a verdade da qual Freud se faz portador.

<sup>10</sup> Ao referir-se aos textos freudianos, declara Lacan: "Que exercício para formar espíritos, e que mensagem à qual emprestar sua voz!"; e ainda "O sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud". *Escritos*, p. 405-6.

<sup>11</sup> Calvino, 1972/1990, p.80.